

CAPÍTULO 3

ASPECTOS DA SINTAXE - A MARCAÇÃO DE CASO

Nesse capítulo, faremos um estudo da sintaxe da língua Trumai, em especial, do seu sistema de marcação de caso. Como veremos, o Trumai é uma língua ergativa e seu sistema pode ser explicado com base nos estudos tóricos sobre Ergatividade; aqui levaremos em conta principalmente os trabalhos de Dixon (1979-1985).

A ordem dos constituintes da oração não é fixa em Tumai, pois variações são possíveis; mas também não é totalmente livre, pois se constata que a ordem de alguns elementos tende a ser preservada, apesar das variações existentes. Esse fato colaborou para que se pudesse interpretar melhor o sistema de marcação de caso desta língua. E a marcação de caso, por sua vez, permitiu que chegássemos à ordem básica da língua. Ou seja, foi um trabalho conjunto de análise, feito ora em uma direção, ora em outra. Os fatos sobre a língua serão apresentados seguindo as etapas de nossa análise, para que o leitor possa compreendê-la melhor.

1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ORDEM EM TRUMAI

Inicialmente, vamos apresentar a ordem dentro dos sintagmas, que é fixa; depois, faremos algumas considerações sobre o morfema **i/ii**, pois como este elemento ocorre sempre após SNs, será de

grande importância para se analisar a ordem dos constituintes, já que ele permite visualizar onde estão os SNs da oração (ainda que haja um \emptyset lexical); por fim, apresentaremos alguns dados que demonstram algumas possibilidades de ordem em Trumai. Posteriormente, na análise de cada tipo oracional, serão feitas algumas considerações sobre o ordem de seus constituintes.

1.1.1. A ORDEM DENTRO DOS SINTAGMAS

Sintagma Nominal

DET	N
N	Adj
Q	N

Ex: (18-c) mihin dak	" uma perna"
(16-a) atlat pat	"panela pequena "
(175) a?di t?aak	" muito beiju"

Sintagma Verbal

V ₂	V ₁
V-asp	
V	NEG
V-asp	NEG

- Ex: (176) a. ha alax kawa
1^a caçar₂ ir₁
 "Eu vou₁ caçar₂"
- b. ha sa-tke ka-in
1^a dançar-vol ?
 "Eu estou com vontade de dançar"
- c. ha xup ɬak
1^a saber neg
 "Eu não sei"
- d. sone-tke ɬak ka-in ha ʃi
beber-vol neg ? 1^a ?
 "Não estou com vontade de beber"

1.2. O SN E A OCORRÊNCIA DE I/II DEPOIS DELE

O morfema **i**, ou **ii**, ocorre sempre após os SNs constituídos pelos seguintes elementos: Pronomes de 3^a pessoa, Demonstrativos, Nomes. Ocorre também nos casos em que há um \emptyset lexical na posição prevista para aparecer um SN. *1.

O morfema **i/ii** nunca ocorre com SNs constituídos por pronomes de 1^a e 2^a pessoas. Parece, então, que a língua faz distinção entre as pessoas do discurso (falante-ouvinte) e as chamadas "não pessoas".

O morfema **i/ii** pode ocorrer com SNs tanto em funções com marcação (sujeito das orações transitivas (A), objeto indireto (OI); ou mais precisamente: caso ergativo, caso dativo), como em

funções sem marcação, isto é, com marcação \emptyset (objeto das orações transitivas (O), sujeito das intransitivas (S); ou seja, caso absolutivo). Porém, não é atestado ocorrendo com SNs posposicionais (em nossos dados, não se verificou esta ocorrência).

Observa-se que com os pronomes de 3^ap, Nomes e Demonstrativos o seu emprego é opcional, podendo surgir **i** ou **ii** (o emprego de um ou de outro parece não fazer diferença). Já no caso em que há um \emptyset lexical na posição de SN, a presença do morfema é obrigatória, conforme a função do SN:

1. objeto de oração transitiva: o emprego de **i/ii** é opcional, mas os falantes tendem a empregá-lo

2. sujeito de oração intransitiva: o emprego de **ii** (geralmente é ele que ocorre; dificilmente se encontra **i**) é obrigatório, dependendo do contexto:

- quando se apresenta a informação: com **i/ii**

(177) [\emptyset]-ii ití-n

medo-3^a

"Ele está com medo (comentando)"

- quando se responde a uma pergunta: sem **i/ii**

(95) [\emptyset]-ii ití-n a ? "Ele está com medo?"

(178) \emptyset ití-n "Está"

Uma hipótese pode ser levantada para essa diferença de emprego: **ii** é usado obrigatoriamente ao se apresentar uma informação, porque este morfema faz referência à posição de um SN, ainda que este não esteja lexicalmente realizado (porém, não acreditamos que seja só essa a função deste morfema).

No exemplo (177), há um \emptyset lexical na posição do SN que é sujeito da oração; nesse caso, o uso de **ii** acaba sendo necessário, para indicar a posição prevista para o SN-sujeito. No caso da resposta a uma pergunta, o uso de **ii** não se faz tão necessário, porque a posição para o SN-sujeito já foi assinalada na pergunta. Como a oração (178) tem praticamente a mesma estrutura que a oração (177), as posições assinaladas nesta serão também encontradas naquela. Assim, se a posição prevista para o SN-sujeito já foi atestada na pergunta, ficará sub-entendida na resposta. Mas isso, evidentemente, é apenas uma hipótese, que precisa ser melhor verificada.

A seguir, exemplos de ocorrência de **i/ii**, ilustrando o que foi dito anteriormente.

a) SN em função sem marca (marcador Ø)

(180)

- | | | |
|---------------------|---------|------------------------------|
| a. ha | tsula | " Eu deitei" |
| b. hi | tsula | " Você deitou" |
| c. hine i | tsula | " Ele deitou" |
| d. kiki i | tsula | "O homem deitou" |
| e. [Ø]-ii | tsula-n | "Ele deitou" |
| f. kaʔnatl i | lafku | "Ela (aquela) nada" |

g. hai-ts atlat-i mapa

1^a-erg **panela** **quebrar**

"Eu quebrei a panela"

- | | | | |
|-----------------|----------------------|------------|----------------------------|
| (181) a. hai-ts | [Ø]-ii | disi-n | "Eu o matei" |
| b. hai-ts | Ø | disi-n | "Eu o matei" |
| | 1^a | erg | matar-3^a |

b) SN em função marcada

(182) feʔde-i ma-tke ka-in hai-tl

onça **comer-vol** ? **1^a-OI**

"A onça quer me comer"

(183) [Ø wan]-i fa-tke-n ka-in hi-tl

pl **matar-vol-3^a** ? **2^a-OI**

"Eles querem matar você"

(184) ha xuʔtsa ukan piʔke-ii-ki

1^a **ver** **ainda casa** **OI**

"Eu vejo a casa"

(185) ha fa ka-in kasoro-i-ki

1^a **matar** ? **cão** **OI**

"Eu bato no cachorro"

- (186) a. hi disi a j̥i hine-k ?
 b. hi disi a j̥i hine-i-k ?

2^a bater int ? 3^a erg

"Ele bateu em você ?"

1.3. A VARIAÇÃO NA ORDEM

Como se pode constatar nos dados a seguir, a ordem dos constituintes da oração em Trumai não é rigidamente fixa, permitindo variações. Mas veremos adiante, na análise dos tipos oracionais, que essa variação na verdade é relativa, porque a ordem de alguns constituintes tende a ser sempre a mesma, sendo os elementos marcados os que de fato apresentam maior mobilidade de posição.

- (187) a. ha sone ka-in cafe-ki (S V OI)

1^a beber ? café-OI

"Eu estou bebendo café"

- b. cafe-ki ka-in ha sone (OI S V)

"Eu estou bebendo café"

- (188) hine-i ka-in hai-tl ami-ke (S OI V)

3^a ? 1^a-OI falar-nom?

"Ele está falando comigo"

- (189) ha disí fí haa-k (O V A)
1ª bater ? 2ª-erg
 "Você bateu em mim"
- (190) niʔde-k fí-in ha disí (A O V)
este- erg ? 1ª bater
 "Ele (este) bateu em mim"
- (191) pitik-i wapta ka-in iwír-lots (S V LOC)
macaco cair ? árvore-origem
 "O macaco caiu da árvore"
- (192) so-malan ka-in axos axaʔtsi (LOC S V)
fogo-beira ? criança sentar
 "O menino está sentado à beira do fogo"

Existem ainda outras variações na ordem, mas estas já são acompanhadas por outras alterações na estrutura da oração; por exemplo, a presença de fí. Portanto, não se trata de mera variação na ordem, como os casos acima; outros fatores (que ainda não estão sob nosso controle) devem estar em jogo nestes casos. Ex:

- (193) ha axaʔtsi ka-in (S V)
1ª sentar ?
 "Eu estou sentado"
- (194) wala ka-in ha fí (V S)
estar em pé ? 1ª ?
 "Eu estou em pé"
- (195) ha ami xup ʔak (S V V NEG)
1ª falar saber neg
 "Eu não sei falar"

c. aneneote-n ka-in fe?de-ii

mata-loc ? onça

"No mato tem onça"

d. a?dĩ ka-in k?ate-ii

muito ? peixe

"Tem muito peixe"

Sobre a ordem:

SN + SN: duas ordens são possíveis:

SUJ + PRED

PRED + SUJ

Ex: (197) ka?natl fĩ ka-in adif detsi

aquela ? ? irmão esposa

"Ela (aquela) é esposa do meu irmão"

(198) ekdan ha šy

piloto 1^a ?

"Eu sou piloto" (Bec - pp 159)

SN + ADJ: as duas ordens anteriormente citadas são possíveis: quando o sujeito é ocupado por um Ø, a ordem mais usada é PRED + SUJ.

(199) deat-i ka-in aetak

fruta-mc.SN? ? ruim/estragado

"A fruta está estragada"

(200) tʔsax ka-in [Ø]-ii
reto ? mc.SN?
 "Está reto"

SN + Sadv: as duas ordens já citadas são possíveis, mas a mais frequente é PRED + SUJ.

(201) piʔke-n ka-in ha j̃i
casa-loc ? 1ª ?
 "Eu estou na casa"

(202) ha ano-i ka-in ha xop-an
1ª língua ? 1ª boca loc
 "A língua está na boca"

SN + QUANT: a ordem PRED + SUJ é a mais encontrada.

(16-d) pat ka-in [Ø]-ii
pouco ? mc.SN?
 "Tem pouco"

(203) pi-x-ɬak ka-in kʔate-ii
pouco ? peixe-mc.SN?
 "Tem pouco peixe"

TIPO 2. ORAÇÃO INTRANSITIVA :

SUJ(S) + V INTRANSITIVO

SUJ		pron 1-2		V	
		pron 3/demonst/nome		(i/ii)	V
		Ø		(i/ii)	V -n/-e

O clítico **-n/-e** refere-se ao sujeito da oração, nos casos em neste há um \emptyset lexical.

Ex:

- (204) a. **ha** sa "Eu danço"
 b. **kiki-i** sa "O **homem** dança"
 c. $[\emptyset]$ -ii sa-n "Ele dança"
 d. \emptyset sa-n "Ele dança"
- (205) a. **ha** oxa "Eu estou grávida"
 b. **di-i** oxa "A **mulher** está grávida"
 c. $[\emptyset]$ -ii oxa-n "Ela está grávida"
 d. \emptyset oxa-n "Ela está grávida"

Sobre a ordem: a ordem SUJ + V é mais frequente, mas V + SUJ também é possível. Com a construção envolvendo $[\emptyset]$ -ii e **-n/-e**, a ordem é quase sempre SUJ + V (dificilmente se altera). Ex:

- (206) "Eu estou deitado" a. ha tsula ka-in (S V)
1^a deitar ?
- b. tsula ka-in ha j̃i (V S)
deitar ? 1^a ?

TIPO 3. ORAÇÃO INTRANSITIVA ESTENDIDA :

S U J (S) + V I N T R + (O I)

S U J	pron 1-2	(i/ii)	V	O I
	pron 3/demonst/nome		V	O I
	∅		V-n/-e	O I

Consideramos este tipo oracional como intransitivo porque o verbo não apresenta um complemento direto. Porém, pode receber um objeto indireto (dativo), mas a presença deste não é obrigatória; isto é, o objeto indireto pode ocorrer, mas não é estruturalmente obrigatório (o verbo só codifica um participante como essencial). Na verdade, o objeto indireto desempenha uma função adjunta (isso explica a sua maior mobilidade de posição). Portanto, tem-se aqui um tipo verbal intransitivo, que pode estender-se. Alguns poucos verbos podem apresentar dois objetos indiretos, ambos marcados, ambos desempenhando uma função adjunta (cf. exemplo (36) adiante).

Há bons argumentos para se interpretar este tipo oracional como intransitivo estendido, e não como transitivo: a ordem aqui mais encontrada é S V O I ; quando o sujeito é constituído pela estrutura [∅]-ii, a ordem SV nunca é quebrada, isto é, nunca se observa o objeto entre eles.

Se considerássemos o objeto deste tipo oracional como sendo um argumento obrigatório do verbo, teríamos então como ordem

básica SVO. Porém, nas orações transitivas (tipo oracional 5 - cf. adiante), a ordem mais típica é S O V, com a ordem OV sendo sempre preservada (cf. transitivas; cf. ordem adiante).

Ou seja, ao se interpretar as intransitivas estendidas como transitivas, iria se criar um problema, porque se teria dois padrões de ordem para a língua Trumai. Portanto, a interpretação seria equivocada; a mais adequada é aquela que identifica o tipo oracional em questão como intransitivo. Esta interpretação é corroborada pela construção imperativa, que emprega para os verbos intransitivos estendidos a partícula wana, que é a mesma empregada para os intransitivos simples, ao passo que para os verbos transitivos é usada outra partícula, waki (cf. item E.1.).

Do mesmo modo que ocorre com as intransitivas simples, o clítico **-n/-e** neste tipo oracional faz referência ao sujeito de 3ª pessoa. Quanto aos marcadores de objeto indireto, podem ser resumidos no quadro a seguir:

PRON-DEM		NOME		
SG	PL	HUMANO	NÃO HUMANO	
-(e)tl	-ki	sg -(e)tl	V classe I	-(e)tl / -ki
		pl -ki	V classe II	-(e)s / -ki

Como podemos observar, quando na função de objeto indireto ocorrem nomes relativos a seres não-humanos, podem ocorrer dois tipos de marcadores: **-s** ou **-tl**. Esses marcadores são selecionados pelo verbo; isto é, de acordo com a raiz verbal empregada, o objeto indireto recebe um marcador ou outro (cf. exemplos (212), (213) e (214)). As classes verbais (I-II) são morfológicas e excludentes: um verbo que seleciona objeto indireto marcado por **-tl** não aceita que ele seja marcado por **-s**, e vice-versa. Esses marcadores podem ainda alternar com **-ki**, que ocorre com o objeto referente a um único ser, em oposição ao objeto pluralizado (cf. exemplos (215) e (216)).

A seguir, exemplos:

(207) ha ma ka-in
1^a comer ?
 "Eu estou comendo"

(208) [Ø]-ii ma-n kʔate-s
mcSN? comer-3^a peixe-OI
 "Ele come peixe"

(209) [di]-ii ma ʃi-in kʔate-s
mulher-mcSN? comer ? peixe-OI
 "A mulher comeu peixe"

(210) kiki fa hai-tl
homem matar 1^a-OI
 "O homem me matou"

- (211) kiki fa adif-atl
homem matar irmão-OI
 "O homem matou o irmão"
- (212) kiki fa kodeʃiʃ-es
homem matar cobra-OI
 "O homem matou a cobra"
- (47) kasoro make hai-tl
cão morder 1^a-OI
 "O cachorro me mordeu"
- (213) kasoro make kodeʃiʃ-atl
cão morder cobra-OI
 "O cachorro mordeu a cobra"
- (214) a. *kiki fa kodeʃiʃ-atl
 "O homem matou a cobra"
- b. *kasoro make kodeʃiʃ-es
 "O cachorro mordeu a cobra"
- (215) a. ha ma kʔate-s
1^a comer peixe-OI
 "Eu comi peixes (vários)"
- b. ha ma kʔate-ki
1^a comer peixe-OI
 "Eu comi peixe (apenas um)"

(216) a. ha sone cafe-s
1ª beber café-OI
 "Eu bebi café (uma quantidade grande)"

b. ha sone cafe-ki
1ª beber café-OI
 "Eu bebi café (um pouco)"

(36) di wan detne uylyr-es kiki paine-s
mulher pl distrib sopa-OI homem col-OI
 "As mulheres distribuem sopa aos homens" (Bec - pp 213)

Sobre a ordem: várias ordens são possíveis. Quando ocorre a construção [Ø]-ii V-n, a ordem é sempre SUJ + V, com o objeto indireto sendo colocado antes do sujeito ou depois do verbo, mas não se verifica nunca o objeto entre [Ø]ii (sujeito) e o verbo.

Ex:

(217) a. ha xuʔtsa de asi-ii-ki (S V OI)
1ª ver já estrela OI

b. asi-ii-ki ha xuʔtsa (OI S V)
estrela OI 1ª ver
 "Eu vi uma estrela"

TIPO 4. ORAÇÃO TRANSITIVA COM ARGUMENTOS NÃO MARCADOS:

A ORAÇÃO APRESENTA DOIS SNs, AMBOS NÃO MARCADOS

São raras as orações deste tipo. Pode ser que elas representem casos de incorporação, pois alguns destes dados são

os únicos exemplos em que, ao se empregar a construção $\emptyset + V-n/e$, o objeto pode aparecer entre o $[\emptyset]$ (sujeito) e o verbo. Pode-se pensar em incorporação porque o verbo e o objeto parecem estar funcionando como um todo; por isso é que o objeto pode aparecer entre o sujeito e o verbo: o objeto é praticamente uma parte deste, e não um termo adjunto, como o objeto indireto (que não ocorre entre sujeito e verbo quando se emprega a construção com o clítico $-n/-e$). Mas esta é apenas uma hipótese, que merece ser melhor investigada.

Ex: (218) tauarauna uan sa-n

dança xinguana pl dançar-3^a

"Eles dançam a Tawarawana" (Bec - pp 226)

(37) fapti fatla-n

orelha furar-3^a

"Ele furou a orelha"

(219) kad lan-e

mão cortar-3^a

"Ele cortou a mão"

(220) $[\emptyset \text{ wan}]$ kad lan-e

pl mão cortar-3^a

"Eles cortaram a mão"

TIPO 5. ORAÇÃO TRANSITIVA SIMPLES (MARCADA):

SUJ(A) O V TRANS

A	O	pron 1-2 pron 3/dem/nome Ø	(i/ii) (i/ii)	V V V (-n/-e)
---	---	----------------------------------	------------------	---------------------

O sujeito da transitiva (A) é marcado por **-k** (com alomorfia para a 1ª p.sg), que pode receber vogal epentética (e/a) quando se anexa a palavras terminadas em consoante.

O clítico **-n/-e**, assim como a construção **[Ø]-ii**, aqui refere-se ao objeto e não ao sujeito (cf. exemplo (181-b) e (223-b)). O sujeito transitivo de 3ª pessoa pode ser elidido (assim como os demais), mas o Ø lexical, neste caso, não é assinalado por **i/ii**, isto é nunca ocorre **[Ø]-ii-k** (em nenhum de nossos dados esta ocorrência foi encontrada).

Mas, como já se disse na seção sobre a ocorrência de **i/ii** com SNs, este morfema pode ocorrer com SNs constituídos por pronomes de 3ª pessoa, demonstrativos e nomes, mesmo que eles estejam em função marcada, como é o caso da função de sujeito da oração transitiva. O morfema **i/ii** ocorre entre estes elementos e o marcador de caso ergativo. A seguir, exemplos de orações transitivas:

- (221) a. hai-ts atlat mapa
1^a-erg panela quebrar
 "Eu quebrei a panela"
- b. hai-ts atlat-i mapa
 "Eu quebrei a panela"
- (181-b) hai-ts [Ø] disi-n
1^a-erg matar-3^a
 "Eu o matei"
- (222) a. hai-ts piʔke xop maxan
1^a-erg casa boca fechar
 "Eu fechei a porta"
- b. hai-ts piʔke xop-i maxan
 "Eu fechei a porta"
- c. piʔke xop maxan
 "A porta fechou"
- d. [Ø]-ii maxan ka-in
 "Está fechada"
- (223) a. hai-ts kasoro mut husa
1^a-erg cão pescoço amarrar
 "Eu amarrei o pescoço do cachorro"
- b. hai-ts ka-in [Ø]-ii husa-n
 "Eu estou amarrando-o"
- c. hai-ts Ø husa
 "Eu estou amarrando"

Sobre a ordem: observa-se que a ordem O + V é sempre preservada. O informante não aceita as orações em que ela se altera. Quando há zero lexical, isto é, [Ø]-ii, nota-se que sua posição é assinalada sempre antes do verbo: [Ø]-ii + V. O sujeito (A) nunca aparece entre eles, podendo apenas movimentar-se para antes de O ou depois de V. Ex:

- (224) a. Yaka-k ka-in wĩrix maʔmaj (A O V)
Yaka-erg ? mingau mexer
 "A Yaka está mexendo o mingau"
- b. wĩrix maʔmaj ka-in Yaka-k (O V A)
- c. * Yaka-k ka-in maʔmaj wĩrix (*A V O)
- (225) soldado-k ka-in Sandra laka (A O V)
soldado-erg ? Sandra prender
 "O soldado prendeu a Sandra"
- (226) ha kuj tuxaʔtsi ʃĩ hine-k (O V A)
1ª cabelo puxar ? 3ª-erg
 "Ele puxou meu cabelo"

TIPO 6. ORAÇÃO TRANSITIVA ESTENDIDA :

SUJ(A) O V TRANS OI

São pouco numerosos os exemplos desse tipo oracional. A ordem encontrada geralmente é a citada acima: A O V OI. Quando

Como se pode observar, o Trumai é uma língua ergativa, pois trata o sujeito da intransitiva (S) e o objeto da transitiva (O) da mesma forma, marcando o sujeito da transitiva (A) de outro modo. O quadro acima apresentado pode ser descrito também da seguinte maneira:

intr:	S		V	
	caso absolutivo			
intr est:	S		V	OI
	caso absolutivo			caso dativo
trans:	A		O	V
	caso ergativo		caso absolutivo	
trans est:	A	O	V	OI
	caso erg	caso abs		caso dativo

Houve uma certa dificuldade para se compreender o sistema de caso do Trumai, porque à primeira vista os elementos da oração transitiva poderiam ser interpretados de outra maneira: neste tipo de oração, há dois SNs, um com o papel semântico de **agente**, outro com o papel de **paciente**, como se vê no exemplo a seguir:

(221-a) hai-ts atlat mapa "Eu quebrei a panela"
 1^a-erg **panela** **quebrar**
 agente paciente

Como já se disse, à primeira vista poderíamos ser levados a identificar o SN-paciente como o sujeito da oração, já que ele apresenta o mesmo tratamento dos sujeitos das intransitivas (isto é, é não marcado), ocupa uma posição igual à destes (ver esquema abaixo), e, por fim, é o elemento cuja posição é preservada, sendo esta assinalada por **i/ii** quando há \emptyset lexical (como a do sujeito da intransitiva também o é). Ex:

(48) hai-ts sida ɬararaw

1^a-erg folha rasgar

"Eu rasguei o papel"

(228) sida ɬararaw

folha rasgar

"O papel rasgou"

(229) hai-ts [Ø]-ii husa

1^a-erg mc.SN? amarrar

"Eu amarro"

(230) jaw sawken-letsi [Ø]-i husa

gente corda instr mc.SN? amarrar

"Amarrado com corda"

Dyirbal), o SN-absolutivo tem que estar obrigatoriamente presente na oração, enquanto que o SN-ergativo pode não ocorrer *2. Em Trumai, o SN-absolutivo pode ser elidido, mas a função que ele ocupava passa a ser expressa pelo clítico **-n/-e**, e sua posição é de certa forma preservada, através da presença de **i/ii**, ao contrário do que ocorre com o SN-ergativo, que é elidido sem deixar marcas de sua posição (*Ø-ii-k).

Assim sendo, para que possamos entender melhor a língua em estudo, vamos abordar o que dizem alguns teóricos sobre o fenômeno da ergatividade.

4. ESTUDOS TEÓRICOS SOBRE ERGATIVIDADE

Existem vários estudos sobre ergatividade. Vamos abordar o realizado por Dixon, apresentando seus pontos principais, em especial aqueles que interessam mais diretamente para nossa análise. Incluímos também nesta dissertação colocações feitas em consultas pessoais com o prof. Dixon.

Antes, porém, gostaríamos de apresentar as idéias de Hopper & Thompson, a respeito do que vem a ser Transitividade e como ela pode ser melhor entendida. Em um artigo denominado "Transitivity in Grammar and Discourse" (1980), Hopper e Thompson abordam o fenômeno da Transitividade, que segundo os autores envolve um número de componentes, sendo um deles a presença de um objeto do verbo.

"Estes componentes são concernentes com a efetividade com que uma ação tem lugar, ou seja, a puntualidade e telicidade do verbo, a atividade consciente do agente e o grau de afetação do objeto" (H & T - pp 251). Tais componentes podem variar de língua para língua. A transitividade é uma relação crucial no uso da língua. Por Transitividade entende-se tradicionalmente "uma propriedade global de uma oração inteira, tal que uma atividade é transferida de um agente a um paciente" (H & T - pp 251). Isso necessariamente envolve dois participantes e uma ação.

Os autores propõem uma tabela de componentes da Transitividade, que seria a seguinte:

	<u>Alta</u>	<u>Baixa</u>
A. Participantes	2 ou mais, A e O	1
B. Kinesis	ação	não-ação
C. Aspecto	télico	atélico
D. Puntualidade	puntual	não-puntual
E. Volicidade	volitivo	não-volitivo
F. Afirmação	afirmativo	negativo
G. Modo	realis	irrealis
H. Agentividade	A alto em potência	A baixo em potência
I. Afetação de O	O totalmente afetado	O não afetado
J. Individualização de O	O individ.	O não-individ.

Os componentes da Transitividade envolvem a efetividade ou intensidade com que a ação é transferida de um participante para outro, e quando tomados juntos, permitem caracterizar as orações como mais ou como menos transitivas.

Nas orações intransitivas, a ausência do Objeto (O) reduz o grau de transitividade da oração. Seria por isso que os sistemas ergativos marcam o sujeito intransitivo do mesmo modo que o objeto da transitiva; isso seria "um sinal de transitividade reduzida" (H & T - pp 254).

Por outro lado, o fato de haver dois participantes na oração não significa que ela necessariamente terá transitividade alta. Algumas línguas codificam um fato como transitivo, enquanto que outras podem codificar o mesmo fato como intransitivo; é o caso de "Jerry likes beer", que o Inglês trata como transitivo, mas o Espanhol não ("Me gusta la cerveza").

Hopper e Thompson formulam uma Hipótese de Transitividade, segundo a qual as diferenças gramaticais entre duas orações podem mostrar que elas são diferentes quanto à transitividade, sendo uma delas mais alta; haverá marcas morfossintáticas assinalando a diferença de transitividade:

"If two clauses (a) and (b) in a language differ in that (a) is higher in Transitivity according to any of the features 1A-J

(a **tabela dos componentes da transitividade**), then, if a concomitant grammatical or semantic difference appears elsewhere in the clause, that difference will also show (a) to be higher in Transitivity." (Hopper & Thompson - 1980 - pp 255).

A hipótese não prediz que em uma das orações vai haver necessariamente marcadores e na outra não, mas se em uma delas houver, essa marcação irá refletir a transitividade mais alta ou mais baixa da oração. A hipótese é colocada de um modo tal que "os traços da Transitividade podem ser manifestos ou morfossintaticamente ou semanticamente" (H & T - pp 255).

A partir dessas colocações, os autores dão exemplos de correlação entre certos sinais morfossintáticos e outros sinais do mesmo tipo, e também exemplos de correlação entre sinais morfossintáticos e interpretações semânticas. Para isso, eles analisam exemplos de várias línguas, mostrando como elas codificam a transitividade, isto é, que componentes entram mais em jogo e como eles se co-relacionam.

O que mais nos chama a atenção nesse estudo de Hopper e Thompson é a idéia de que a Transitividade pode ser decomposta em vários elementos e que as línguas podem codificá-la de modos diferentes. Essa idéia nos parece muito interessante, porque se observa que o Trumai codifica como intransitivas ações que em

outras línguas provavelmente seriam tratadas como transitivas.

Discutiremos esse assunto mais adiante. Passemos agora para as idéias de Dixon, apresentadas em seu trabalho de 1979, intitulado "Ergativity". Neste trabalho, Dixon propõe, para fins mais práticos, as seguintes representações (que já vem sendo usadas nesta dissertação) para as três relações sintático-semânticas básicas de uma língua:

Sujeito intransitivo:	S
Sujeito transitivo:	A
Objeto transitivo:	O

O tratamento que recebem estas funções irá caracterizar uma língua como ergativa ou nominativa. O sistema nominativo-acusativo marca A e S da mesma forma, tratando O diferentemente. Já o sistema ergativo-absolutivo trata o S e O da mesma maneira, com A recebendo outra marcação *3. Há várias maneiras pelas quais estes tratamentos podem ser realizados, mas o mais claro é em termos de flexão de caso.

O esquema a seguir ilustra o que foi dito:

A e S	vs	O
(nominativo)		(acusativo)
A	vs	S e O
(ergativo)		(absolutivo)

A marcação de caso permite distinguir os SNs que ocorrem na oração transitiva. Em geral, o caso que inclui a função S é o

termo não marcado no sistema (S geralmente é não marcado, já que na oração intransitiva só há um SN; logo não é preciso diferenciá-lo de outros). Assim, o absolutivo é o termo não marcado na oposição ergativo/absolutivo, e o nominativo é frequentemente o termo não marcado no sistema nominativo/acusativo. O elemento não marcado em geral é o pivô para várias operações sintáticas, como coordenação, subordinação, relativização, etc.

Uma língua pode ser morfologicamente ergativa, mas acusativa no nível sintático, isto é, trata S e A da mesma forma, e não S e O, como ocorreria em uma língua sintaticamente ergativa. Numa língua deste último tipo, ao se coordenar duas orações em que o SN sob identidade é S em uma das orações e A em outra, não haverá possibilidade de coordenação direta; antes, será preciso realizar uma construção antipassiva, em que o SN que era A passa a S e o SN que era O passa a dativo (mais precisamente, instrumental (o elemento que foi o instrumento causador da ação)). Essa construção é diferente da passiva, onde o SN que era O passa a S e o SN que era A passa a dativo (instrumental):

passiva:	A	O	antipassiva:	A	O
	DAT	S		S	DAT

Ou seja, uma língua sintaticamente ergativa apresenta mecanismos sintáticos diferentes de uma que é acusativa.

Pode haver, portanto, ergatividade morfológica (marcar S e O do mesmo modo) e ergatividade sintática (regras sintáticas identificam S e O). A ergatividade sintática é rara; há uma tendência maior em se ter uma sintaxe acusativa. Isso teria a ver com a Categoria Universal de Sujeito, que, segundo Dixon, envolveria agrupamento de A e S.

Há três formas básicas de se demonstrar a função de um SN na oração: pela flexão de caso; pelo emprego de partículas separadas; por afixos ou clíticos ligados ao verbo.

Uma outra possibilidade é através da ordem contrastiva das palavras. Uma ordem AVO para orações transitivas e VS para as intransitivas segue um princípio "ergativo" (assim como as ordem OVA/SV). Da mesma forma, as ordens AVO/SV ou OVA/VS podem ser consideradas "acusativas".

Esse critério da ordem contrastiva só pode ser empregado para línguas com ordem verbal medial, não sendo um critério tão seguro quanto a marcação de caso. Na verdade, é melhor empregado quando reforça o que a marcação morfológica já está demonstrando.

É possível pensar em uma justificativa semântica para a existência de uma marcação morfológica ergativo-absolutiva ou nominativo-acusativa. Para o primeiro tipo, "pode-se sugerir que a oração intransitiva essencialmente descreve "algo acontecendo a

algo/alguém"... enquanto que a sentença transitiva descreve "alguém fazendo algo acontecer para algo/alguém" (Dixon - pp 68). Por este raciocínio, S é semanticamente identificado com O, daí não ser estranho ambos terem a mesma marcação.

Para o segundo tipo, "pode-se sugerir que a oração intransitiva descreve "alguém fazendo algo" e a sentença transitiva "alguém fazendo algo para algo/alguém" (Dixon - pp 68). A identificação semântica aqui é entre S e A, parecendo natural, então, que eles sejam marcados do mesmo modo.

Porém, essa justificativa, como lembra Dixon, é simplista, porque dentro da classe dos verbos (e mesmo entre os SNs) há uma ampla margem de variação semântica; também se nota que o tipo semântico de um verbo mostra uma co-relação forte com o nome/pronome passível de co-ocorrer com ele (por exemplo, falar exige um SN animado; humano; em geral, controlador da ação). Há ainda línguas que permitem que um mesmo verbo funcione ora transitivamente, ora intransitivamente (é o caso no Inglês de break, open). Segundo Dixon, "toda língua mescla "ergatividade" e "acusatividade" na estrutura de seu léxico" (Dixon - pp 68).

Um universal empírico pode ser notado, segundo Dixon: "todas as línguas parecem distinguir atividades que necessariamente envolvem dois participantes daquelas que necessariamente só

envolvem um" (Dixon - pp 68). Desse modo, todas as línguas têm classes de verbos transitivos e de verbos intransitivos. Porém, a divisão entre esses dois tipos verbais nem sempre é muito tranquila: há línguas em que os extremos são claramente diferenciados, mas há uma região onde não é fácil determinar se um certo verbo é basicamente transitivo ou basicamente intransitivo.

O mesmo se pode dizer sobre a questão da ação controlada vs. não controlada: em algumas línguas, os sujeitos de orações intransitivas podem subdividir-se em dois tipos: o que controla a ação (Sa) e o que não controla (So) *4. Porém essa divisão nem sempre é muito clara, justamente porque o conceito de controle de uma ação pode variar de cultura para cultura e mesmo de pessoa para pessoa; além disso, há casos em que a ação pode ser tanto controlada como não ser (p. ex, chorar).

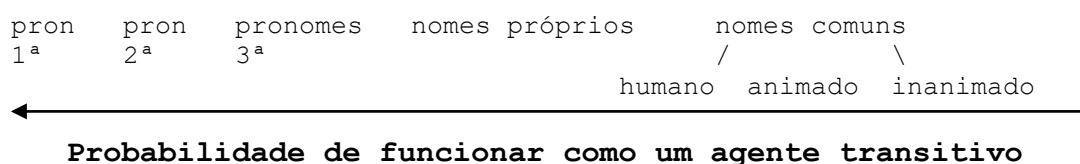
Por fim, gostaríamos de comentar os casos de sistemas cindidos, que apresentam tanto marcação ergativa como acusativa. Diz Dixon que a cisão pode ser condicionada por uma série de fatores:

- pelo conteúdo semântico do verbo;
- pelo conteúdo semântico dos SNs centrais;
- por um componente semântico da oração: a escolha de tempo/aspecto.
- pelo tipo de oração (subordinada X principal)

1. Cisão motivada pelo conteúdo semântico do verbo: um sistema pode fazer diferença entre os sujeitos intransitivos, levando em conta se ele pratica a ação com intenção ou não; isto é, se ele tem controle ou não sobre a ação. Assim, pode-se ter uma marcação para A e Sa (para os verbos ativos) e outra para O e So (para os verbos estativos). O tipo de cisão morfológica que é condicionada pela natureza semântica do verbo é frequentemente realizado por afixo no verbo.

2. Cisão motivada pelo conteúdo semântico dos SNs: os sistemas podem levar em conta a diferença existente entre SNs que podem funcionar como controlador ou agente e SNs que raramente ou nunca funcionam com este papel.

Alguns tipos de SNs são mais prováveis de serem agentes que outros. Dixon propõe uma escala de "**potencialidade de agentividade**" para os SNs:



Essa escala, evidentemente, estará sujeita a variações de acordo com o tipo verbal empregado; por exemplo, "morder" só se aplicará a seres animados (a não ser que se trate de linguagem figurada). A escala, na verdade, assinala as possibilidades de

agentividade. Assim, os elementos mais à esquerda tem probabilidade de funcionar mais como agente; os da direita, mais como pacientes.

Segundo Dixon, é mais natural e econômico marcar um paciente quando ele está em um papel que não costuma ocupar. Assim, espera-se que uma língua (que tenha marcação de caso) marque um SN do lado direito da escala quando ele estiver em função A, e um SN do lado esquerdo quando ele estiver em função O.

Este princípio faz com que muitas línguas tenham o sistema de caso cindido, empregando caso ergativo para os SNs que estão à direita da escala, e caso acusativo para os da esquerda. É o caso do Dyirbal: para a 1^a e 2^a pessoas, a marcação é nominativa; para a 3^a pessoa, nomes próprios e comuns, a marcação é ergativa.

Quanto aos SNs que ocupam o meio da escala, em algumas línguas pode ocorrer sobreposição dos sistemas. Como exemplo, Dixon cita o Cashinawa, que tem para a 1^a e 2^a pessoas uma marcação acusativa, para os nomes próprios e comuns uma marcação ergativa, e para os pronomes de 3^a pessoa outros marcadores, todos diferentes entre si (ou seja, uma marcação neutra para a 3^a pessoa).

O tipo de cisão que é condicionada pela natureza semântica do SN é geralmente realizada por afixos ou partículas presos nos

SNs.

3. Cisão condicionada por tempo/aspecto da oração: um sistema cindido pode ser explicado também pela diferença entre eventos que já são fatos estabelecidos e aqueles que são meramente possibilidades.

Se a marcação ergativo-absolutiva é encontrada em uma parte do sistema, espera-se que seja no tempo passado ou aspecto perfeito, porque estes se referem a algo que aconteceu (envolve S e O). No tempo não-passado ou aspecto imperfeito, a marcação esperada é nominativo-acusativa, pois "algo que ainda não aconteceu é melhor pensado como tendo propensão a um agente potencial" (Dixon - pp 95); isso envolve S e A.

Em geral, é essa a cisão que se encontra. Muitas línguas podem ter marcação acusativa (ou ergativa) em todos os tempos e aspectos; mas, se a cisão for condicionada por tempo ou aspecto, diz Dixon que a marcação ergativa é sempre encontrada ou no tempo passado ou no aspecto perfeito.

Por fim, pode haver ainda um outro tipo de cisão, entre oração principal e oração subordinada. Nas orações subordinadas objetivas (ex. dado por Dixon: **I told you to pick fruit**), em geral espera-se que haja um "padrão acusativo", enquanto que a oração principal tenha um "padrão ergativo". Nas orações

relativas (ex: **I kissed the child who had fallen over**), espera-se que a subordinada tenha características ergativas e a principal, características acusativas.

A explicação para isto seria que as orações subordinadas objetivas são como as orações futuras: expressam um evento potencial com propensão a ter um agente (S ou A), pedindo assim uma marcação acusativa. As orações relativas, por sua vez, assemelham-se com as orações no tempo passado ou aspecto imperfeito, simplesmente descrevendo algo que aconteceu ou está acontecendo. São tratadas, então, como ergativas. Quanto às orações principais, se realmente houver cisão no sistema, elas deverão mostrar uma marcação oposta à das orações subordinadas.

O texto de Dixon apresenta ainda outros pontos, como a evolução das morfologias ergativas, discussões sobre a categoria de sujeito, etc. Porém, preferimos aqui não nos estendermos sobre eles, deixando para abordá-los talvez em estudos futuros.

5. ANÁLISE DO SISTEMA DE CASO DO TRUMAI

5.1. Algumas considerações sobre os diferentes tipos verbais

Muitos dos fatos apresentados no texto de Dixon são verdadeiros para o Trumai: o sistema de marcação de caso desta

língua trata S e O do mesmo modo e A de outro (portanto, trata-se de um sistema ergativo); a identificação das funções se faz por meio de marcação de caso, empregando-se sufixos flexionais de caso ou o clítico **-n/-e** para a 3ª pessoa; o absolutivo é o caso não marcado.

A ordem não é um critério por si só capaz de identificar as funções sintáticas (ainda mais que em Trumai a ordem sofre variações), mas pode corroborar o que a marcação de caso assinala, no sentido de que quando S e O não são lexicalmente preenchidos, a posição deles é prevista sempre antes do verbo, o que se sabe pela presença do morfema **i/ii**. Isso demonstra que o comportamento de S é semelhante ao de O e diferenciado de A; portanto, reforça-se a diferença de tratamento entre eles.

Confirmando o universal empírico levantado por Dixon, o Trumai diferencia as ações que necessariamente envolvem dois participantes daquelas que necessariamente têm apenas um. Mas a identificação dos tipos verbais desta língua apresentou um pouco de dificuldade, porque embora haja verbos claramente intransitivos, como pita "sair", há outros que dão margens a dúvidas, como é o caso de lax "caçar" ou ma "comer", que aparentemente parecem transitivos, porque podem apresentar um complemento. Depois de análises é que se constatou que estes verbos são intransitivos, porque não envolvem necessariamente dois partici-

pantes; só o seu sujeito é estruturalmente obrigatório, sendo o complemento opcional.

Este fato é uma particularidade do Trumai: ações que em outras línguas são consideradas como transitivas, nesta são tratadas como intransitivas, apesar de seu sujeito ser, em termos semânticos, agente. É o caso de **ver, caçar, pegar, ralar, espremer, vigiar**, etc. Já verbos como **esperar**, que não tem um sujeito propriamente ativo, aqui é tratado como transitivo.

Na verdade, o Trumai concebe como transitivos basicamente dois tipos de verbos: **a)** aqueles que pela tabela de componentes de transitividade, proposta por Hopper-Thompson, são considerados como sendo de alta transitividade, porque expressam uma ação puntual ou possuem um sujeito bastante agentivo, e **b)** aqueles que tem um sujeito controlador, em oposição a um objeto que é muito pouco participante. São verbos transitivos em Trumai: **puxar, chutar, cortar, prender, amarrar, enfiar, rasgar, picar, bater** (há outra forma verbal para bater, que é intransitiva estendida), **morder** (também há outra forma, intransitiva estendida), **quebrar** (há uma construção causativa com outra forma verbal, no sentido de fazer ficar quebrado), **chamar, jogar, fechar, transformar, esperar, dar bronca**, etc.

O sujeito marcado (A) seria diferente dos demais por ser aquele que realiza uma ação de transitividade alta. Seria exata-

mente o que propõe Hopper-Thompson: a diferença de marcação expressa a diferença de transitividade. Se o sujeito de **lax** "caçar" não é marcado, e o de **ṭararaw** "rasgar" recebe marca, é porque a ação que este realiza é mais alta em transitividade que a do primeiro.

E, de fato, há motivos para que ela seja mais alta, pois **rasgar** (assim como **chutar, quebrar, puxar**, etc) expressa uma ação puntual, não denotando desenvolvimento temporal. Assim, a transferência da ação para o paciente se dá rapidamente, isto é, ela se efetiva de modo rápido.

Já os intransitivos estendidos provavelmente se diferenciam dos transitivos porque a ação expressa pelos intransitivos estendidos teria um caráter mais processual (p. ex, **comer, lavar, ralar**); portanto, a ação se transfere aos poucos *5. Todos estes fatos, de alguma forma, fazem com que verbos como caçar, comer, ver, etc, não sejam, nesta língua, considerados transitivos, como os verbos de ação puntual o são.

Além disso, o sujeito de **rasgar, chutar, jogar, prender**, etc, é bastante agentivo; seria, então, possível dizer que ele é entendido como mais ativo que o sujeito intransitivo, mesmo porque na oração intransitiva há apenas um participante, não havendo, portanto, transferência de ação. No caso da intransitiva estendida, pode haver ainda um outro participante (OI), mas este

não comparece obrigatoriamente; a transferência de ação, então, não é em Trumai característica obrigatória deste tipo de verbo (ela não se transfere necessariamente).

No caso de verbos como **chamar, esperar, transformar**, etc (que são transitivos), tem-se não um sujeito bastante ativo, mas controlador: é ele quem exerce o domínio sobre o fato que ocorre, iniciando-o e controlando-o. Dos participantes da "ação" (na verdade, nem sempre é propriamente uma ação), o sujeito é o mais envolvido. Por exemplo, no caso de esperar, o SN-paciente não sente diretamente o efeito da "ação" de esperar; assim, se o sujeito (controlador) de esperar não é propriamente ativo, o objeto (paciente) com certeza é bastante passivo, quase não influenciando no curso dos fatos. O SN-controlador é o elemento mais participante e o mais envolvido na ação, sendo então entendido como o mais ativo. Talvez seja por isso que esta língua trate verbos como **esperar, transformar**, do mesmo modo que **chutar, quebrar**, e os diferencie de **caçar, comer** (no caso destes, não é preciso assinalar que um dos participantes é o mais envolvido na ação, porque o verbo pede apenas um participante obrigatório).

Isso, evidentemente, são apenas hipóteses de interpretação semântica para o sistema de caso do Trumai. Mas é certo que há a diferença de transitividade, dado que há diferença de marcação.

Podemos, então, pensar em uma escala de transitividade para os verbos desta língua, com os transitivos simples ocupando a posição mais alta, e os intransitivos simples, a mais baixa.

Os intransitivos estendidos ocupariam uma posição intermediária, pela possibilidade que possuem de poder apresentar um objeto indireto (ou seja, um paciente da ação, embora não direto). Os transitivos estendidos estariam acima deles na escala, porque apresentam um complemento obrigatório (portanto, a ação necessariamente se transfere), mas ficam abaixo dos transitivos simples, porque os transitivos estendidos admitem também um segundo objeto, indireto, enquanto que os transitivos simples apresentam um único complemento, sobre o qual toda a ação incide; portanto, ela é mais efetiva e afeta mais o objeto nas transitivas simples do que nas estendidas, onde é distribuída entre os dois participantes não-ativos (O e OI).

Falamos em escala de transitividade para os verbos e não para as orações do Trumai porque, como veremos adiante, a transitividade nesta língua parece ser uma propriedade da raiz verbal.

Teríamos então a seguinte escala de transitividade para os verbos do Trumai:

+ alta	↑	transitivos	simples
		transitivos	estendidos
		intransitivos	estendidos
+ baixa		intransitivos	simples

É interessante observar que a língua realmente diferencia estes tipos verbais; isso pode ser notado no emprego do Imperativo, que é realizado através de duas partículas: **wana**, para os verbos intransitivos (simples ou estendidos), e **waki**, para os transitivos (simples ou estendidos). Em ambos os casos, pode-se ainda empregar a partícula **hen** "então" depois dos verbo.

Ex:

intr. simples:

- (231) wana pita "Saia!"
imper sair
- (232) wana wakaʔfi hen "Vá, então!"
imper ir então
- (233) nina wana axaʔtsi "Sente aqui"
aqui imper sentar
- (234) wana wakaʔfi hen pike-ki
imper ir então casa-loc
 "Vá para a casa!"

intr. est. :

- (235) wana xuʔtsa "Veja!"
imper ver
- (236) wana lax kawa hen "Vá caçar!"
imp caçar ir então
- (237) wix-xi wana sone "Tome mingau!"
mingau-OI imp beber

(238) wana xu?tsa pítik-etl "Olha o macaco!"
imp ver macaco-OI

trans. simples:

(239) waki [Ø]-ii kuhmu hen "Jogue fora!"
imp mc.SN? jogar então

(240) waki [Ø]-ii naha hen "Corte!"
imp mc.SN? cortar então

trans. est. :

(241) hine-tl waki kití "Dê para ele"
3^a-OI imp dar

Nestes exemplos, podemos constatar um fato: as funções marcadas (OI, A, Loc) podem movimentar-se para antes ou depois da construção **Part.Imp. + V**, mas não aparece entre eles. Já o objeto da transitiva ocorre antes do verbo, entre este e a partícula imperativa *6. Mais uma vez se comprova que as funções marcadas têm um comportamento diferente das não marcadas: o objeto direto (O) ficando quase sempre contíguo ao verbo; o OI, que é um elemento adjunto, nem sempre está em adjacência com o verbo.

5.2. O controle do Sistema

Pelo que se expôs até o momento, pode-se dizer que alguns fatores de ordem semântica dariam explicação para a natureza do sistema. São considerados transitivos em Trumai os verbos que

expressam ação puntual, ou que possuem um sujeito bastante agentivo ou controlador, mais ativo que o outro participante, que é o paciente da ação.

Mas, por outro lado, nota-se que quem regula de fato o funcionamento do sistema são fatores de ordem lexical: é o verbo que seleciona a marcação de caso, independentemente de outros fatores, como o tipo de SN em função sujeito, a intencionalidade ou não do agente (isso tem certa influência, mas não totalmente), o tempo de ocorrência da ação (presente, passado, futuro).

Dizemos isto porque observa-se, em primeiro lugar, que esses fatores não determinam a escolha dos marcadores (no caso do tipo de SN, a influência na escolha é indireta - ver adiante) *7. Em segundo lugar, porque a marcação de caso não pode ser trocada (os informantes não aceitam que se faça isso).

Existem alguns verbos semanticamente iguais, mas com estruturas diferentes; isto é, expressam a mesma ação, mas com marcação diferente. É o caso de:

<u>fa</u>	(intr. est)	-	<u>disi</u>	(trans)	"bater/matar"
<u>make</u>	(intr. est.)	-	<u>tako</u>	(trans)	"morder"
<u>dama</u>	(intr. est.)	-	<u>tuxa?tsi</u>	(trans)	"puxar"

Estas raízes verbais semanticamente equivalentes podem se alternar no uso dos falantes, mas se observa que quando se quer usar uma construção com o sujeito marcado em lugar de uma com sujeito sem marca, é necessário trocar a forma verbal. Assim, ao se expressar que "A onça matou a cobra" , diz-se :

(242) feʔde fa kodefɨj-es

onça matar cobra-OI

Mas, caso se queira empregar uma construção com sujeito marcado, é preciso trocar o verbo de fa para disi:

(243) feʔde-k ka-in kodefɨj disi

onça-erg ? cobra matar

A marcação não pode ser mudada se a forma verbal não for trocada. Os exemplos a seguir ilustram isso:

(244) "A onça matou a cobra"

* feʔde-k fa kodefɨj

* feʔde ka-in kodefɨj-es disi

(245) "O homem me matou"

a. kiki fa ka-in hai-tl

homem matar ? 1ª-OI

b. kiki-k ka-in ha disi

homem ? 1ª matar

- c. * kiki-k fa ka-in ha
 * kiki ka-in disi hai-tl
 * kiki-k fa ka-in hai-tl

Isso significa que é o verbo que determina o tipo de marcação, assim como é ele também que, no caso do OI, determina o marcador (**-s** ou **-tl**). A marcação não pode ser alterada porque fa é um verbo intransitivo estendido, que seleciona um sujeito sem marca e um objeto que é indireto e não obrigatório; marcar o seu sujeito irá contra as suas características, fazendo dele um verbo transitivo, que não é o que está previsto no léxico (fa deve ser marcado como **{- transitivo}**).

Disi, por sua vez, é um verbo transitivo que seleciona um complemento obrigatório não marcado e um agente marcado. Alterar a marcação dos argumentos também irá contra suas características. O mesmo se pode dizer de outros verbos transitivos, como **quebrar**, **chutar**, **rasgar**, etc. A língua os concebe como transitivos e assim os trata sempre.

Uma das provas de que um verbo é tratado sempre do mesmo modo, preservando a sua marcação, é a construção causativa com verbos transitivos, onde o SN que era agente na oração original continua marcado na oração causativa, mesmo que não aja intencionalmente.

Antes, vejamos como é feita a construção causativa em Trumai: ela se dá pelo acréscimo de **-ka** "factivo" ao verbo, embora ele possa não ocorrer sempre (veja dado (246-d)). O agente

da oração causativa é marcado da mesma maneira que o sujeito da transitiva; isto, de certa forma, indica que o sujeito transitivo (A) tem algo a ver com a noção de agentividade.

A construção causativa se realiza tanto com verbos intransitivos como transitivos, o que contraria a afirmação de Becquelin (1976), que diz que os verbos transitivos (que ela denomina de construção ergativa) não podem ser causativizados.

Exemplos:

(246) a. hai-ts de ke Yaka sa-ka

1^a-caus já? ? Yaka dançar-fac

"Eu fiz a Yaka dançar"

b. hai-ts de ke [Ø] sa-ka-n

1^a-caus já? ? dançar-fac-3^a

"Eu a fiz dançar"

c. ha mut xerere-ka hai-ts

1^a roupa molhada-fac 1^a-caus

"Eu molhei a roupa (lit: Eu fiz a roupa ficar molhada)"

d. haak de ke nina ha otl

2^a-caus já? ? aqui 1^a dormir

"Você me fez dormir aqui"

(247) a. haak ka de ke hai-ts [Ø] mapa-ka

2^a-caus ? já? ? 1^a-erg quebrar-fac

"Você me fez quebrar (algo) - culpando a pessoa"

b. hinatl-ek de ke hai-ts [Ø] ʔararaw
3^a-caus já? ? 1^a-erg rasgar
 "Ela me fez rasgar (o papel)"

Como se pode observar no exemplo (247), o SN que era marcado como agente (A) na oração original (ou seja, **hairs**), manteve a mesma marcação na oração causativa, mesmo já não sendo tão agentivo, isto é, na oração causativa ele não é propriamente um agente com intenção de praticar um ato, mas o executor de uma ação que outro indivíduo provocou.

Em outras línguas, o fato do indivíduo agir intencionalmente ou não pode provocar diferença na escolha do marcador *8. Em Trumai isto não ocorre, porque a marcação é controlada pelo léxico; assim, se um verbo exige que o agente seja marcado e o objeto não, a marcação será sempre esta, para que se mantenha a coerência do sistema.

Isso tudo nos leva a pensar que a Transitividade em Trumai parece ser antes uma propriedade da raiz verbal que da oração. Pode-se pensar isto porque é o verbo que seleciona um sujeito marcado (A) e um objeto obrigatório sem marca (O), que é o que se tem na oração transitiva (portanto, resulta em uma oração de transitividade alta), ou seleciona um sujeito sem marca (S), não exigindo obrigatoriamente um objeto, o que resulta em uma oração de transitividade baixa.

Quanto à construção causativa com verbos transitivos, ela se diferencia da oração original pelos escopos dos SNs-agentes, que são diferentes, como se pode ver no esquema a seguir:

- a) haits { [Ø] mapa-ka}
 b) haak { ka de ke haits { [Ø] mapa-ka}}

trad: a) "Eu quebrei algo"

 b) "Você me fez quebrar algo"

5.3. Os verbos semanticamente iguais e seu uso pelos falantes

Como já se disse anteriormente, há alguns verbos em Trumai que são semanticamente iguais, embora formalmente diferentes. Esses verbos podem se alternar no uso dos falantes, pois existe a possibilidade de se empregar tanto um como outro. É o caso de fa (intr. est.) e disi (trans), ambos significando "matar/bater".

Mas é interessante notar que os falantes parecem fazer uma certa seleção da forma verbal a ser usada, conforme o tipo de SN que é o agente. Isso foi constatado ao se elicitar o paradigma de "bater"; a informante ora usa fa, ora disi, como se vê no esquema a seguir:

Eu bati na galinha	---	fa
Você bateu em mim	---	disi
Você bateu nele	---	fa
Ele bateu em você	---	disi
Ele bateu em mim	---	disi
Nós batemos nele	---	disi
Nós batemos na onça	---	fa
Eles bateram na onça	---	disi
Meu pai bateu em mim	---	disi
Meu irmão bateu nele	---	disi

Essa escolha não é aleatória; parece haver uma hierarquia a ser respeitada: se o SN-agente for hierarquicamente mais alto que o SN-paciente, seleciona-se fa; se for o contrário, seleciona-se disi.

A hierarquia seria a seguinte:

1-2-3 p. (sing) - 1-2-3 p. (pl) - nomes
+ alta ←————— + baixa

Essa seleção das formas verbais semanticamente equivalentes é uma tendência, não uma regra rígida, pois nem sempre ela ocorre como seria de se esperar. Por exemplo:

Eles bateram na onça	---	disi
Ele bateu no macaco	---	disi

A seleção funciona muito claramente quando estão envolvidas a 1ª e 3ª pessoas:

(249) "Eles querem me bater"
ha disi-tke ka-in hinak-wan-ek
1ª bater-vol ? 3ª-pl-erg

(250) "Eu quero bater nele"
 ha fa-tke ka-in hine-tl
 1^a **bater-vol** ? 3^a-OI

Esse fato aqui descrito parece estar ligado à questão da "potencialidade de agentividade" dos tipos de SNs, formulada por Dixon. Com base nesta escala, é de se esperar que seja marcado o elemento de posição baixa na escala, quando ele funciona como A, e o elemento de posição alta, ao funcionar como O.

O sistema de caso do Trumai não é cindido, porque fa pode ocorrer tanto com as 1^a e 2^a pessoas, como com a 3^a e nomes, o mesmo acontecendo com disi. Mas, em termos de uso, como se viu, há uma certa preferência por um verbo ou outro, conforme o SN envolvido. Nota-se que a orientação que se tem aqui é praticamente a mesma descrita por Dixon, escolhendo-se para o agente de 1^a e 2^a pessoas o verbo fa (intransitivo estendido, cujo sujeito não é marcado) e para o de 3^a disi (transitivo, cujo agente é marcado).

Isso ocorre justamente pela diferença de agentividade: sendo o elemento de 3^a pessoa mais baixo na escala que o de 1^a (o que significa que ele está mais propenso que o de 1^a pessoa a ser o paciente), é preciso marcá-lo para indicar que é ele o agente da ação, e não o outro participante (daí a escolha de disi). Quando o agente é de 1^a pessoa, não há porque marcá-lo, porque ele tem

uma propensão natural a ocupar esta função (por isso prefere-se fa). Em geral, emprega-se disi para o sujeito de 1ª pessoa quando se quer certa ênfase sobre o agente da ação: "Eu matei a onça".

Pode-se dizer, então, que o SN que ocupa a posição de sujeito tem certa influência na escolha dos marcadores: embora seja o tipo de verbo que determine a marcação de caso, o tipo de SN-sujeito também tem seu papel, ao selecionar a forma verbal a ser empregada. Isto é, ele determina a marcação indiretamente, ao selecionar a forma verbal que exige o tipo de marcador que se deseja usar.

5.4. Algumas considerações sobre os marcadores de Objeto Indireto

Os marcadores de objeto **-s** e **-tl** são excludentes entre si, mas podem alternar-se com **-ki**. No entanto, parece haver diferenças de sentido quanto a essa alternância.

Segundo Becquelin (1976), o marcador **-s** seria distinto de **-ki** por implicar uma maior integração semântica do objeto com o verbo. Não foi isso o que constatamos, pois observa-se que **-ki** é empregado com objetos referentes a um ser individual, e **-s** e **-tl** com objetos pluralizados. Segundo Hopper & Thompson (1980), um objeto individualizado é mais afetado pela ação do sujeito do

que um objeto coletivo, porque ela é mais efetivamente transladada ao paciente que é individualizado; no caso do objeto coletivo, a ação se distribui.

Nesse sentido, pode-se postular que a diferença entre **-ki** e os outros marcadores de Objeto Indireto seja realmente a de maior integração semântica com o verbo, já que o objeto individualizado estaria mais diretamente ligado à ação expressa pela forma verbal. Mas esta integração realiza-se através do emprego de **-ki**, e não de **-s**, como diz Becquelin, ocorrendo apenas com os objetos nominais referentes a seres não-humanos, já que com os demais tipos a marcação é sempre a mesma (confira quadro-pag 137), não estando sujeita a fatores de ordem semântica.

5.5. A identificação dos constituintes nominais na oração

Como já se viu até agora, o sistema de marcação de caso do Trumai é todo coerente, permitindo identificar adequadamente os elementos de uma oração quanto a suas funções sintáticas (isto é, que elemento é o sujeito, qual é o objeto, etc). A marcação de caso funciona mesmo com as orações interrogativas e imperativas:

(251) tsifan-is ʃi hi ma ?

o que-OI ? 2ª comer

"O que você comeu?"

(252) te-i ʃi-in ma-ke kʔate-s ?

quem-mc.SN? ? comer-nom? peixe-OI

"Quem comeu o peixe?"

(253) te-k de talel maxan

quem-erg ja? porta (termo antigo) fechar

"Quem vai fechar a porta?"

(241) hine-tl waki kiti

3ª-OI imp dar

"Dá para ele"

Quando ocorre 1ª ou 2ª pessoa agindo sobre (ou recebendo ação de) 3ª pessoa, a identificação das funções sintáticas se dá sem maiores problemas. Por exemplo:

(181-b) hai-ts ∅ disi-n

1ª-erg obj matar-3ª

"Eu o matei"

(254) [∅]-ii fa-tke-n ka-in hai-tl

mcSN? matar-vol-3ª ? 1ª-OI

"Ele quer me matar"

No dado (181-b), o sujeito é marcado (hai-ts); logo, o clítico -n refere-se ao objeto. Tem-se 1ª pessoa agindo sobre 3ª. No dado (254), o objeto indireto de 1ª pessoa é marcado (hai-tl);

(258) ha make "Eu me mordi"
1^a morder

(259) hine fi-in ofa-ke "Ele se matou"
3^a ? matar-nom?

Em alguns dados, ocorre um OI, referente à pessoa que também é o sujeito da oração:

(260) ha make hai-tl "Eu me mordi"
1^a morder 1^a-OI

(261) ha xu?tsa hai-tl misu-ki
1^a ver 1^a-OI água-loc
 "Eu me vi no espelho"

Os verbos que ocorrem nestes exemplos são intransitivos estendidos. Pode ser que o não emprego do OI possa expressar também reflexão. Becquelin (1976) considera que os verbos por ela chamados "ergativos" *9 (são os transitivos), quando apresentam "formulação não ergativa" (isto é, ocorrem sem o sujeito), passariam a ter um valor de reflexão:

(262) hai-ts uama-n
1^a-erg transformar-3^a
 "Eu o transformo" (Bec - pp 131)

(263) ha uama
1^a transformar
 "Eu me transformo (em espírito)"

Pode ser que seja realmente o que Becquelin propõe, pois há um exemplo de nosso corpus que se assemelha aos apresentados por ela:

(264) ha kuʃ naha ʃi-in

1ª (pos) cabelo cortar ?

"Eu cortei meu cabelo" (naha - verbo transitivo)

Essas são apenas hipóteses sobre como seria expressa a reflexividade em Trumai. Talvez novos dados possam tornar mais claro como ela é realizada nesta língua.

6. A ORDEM EM TRUMAI - CONSIDERAÇÕES GERAIS

Como já se tratou no início deste capítulo, a ordem é fixa dentro dos sintagmas, e livre dentro da oração. Porém, como também já se viu, a ordem de certos constituintes da oração tende a ser preservada, o que significa que a ordem em Trumai não é totalmente livre.

Há princípios que regem a ordem de um elementos dentro da oração, levando-se em conta o fato do elemento receber um marcador ou não.

A mobilidade de posição das funções sintáticas é diferenciada: algumas têm tendência a serem fixas, outras apresentam uma maior mobilidade. Pode-se ter uma variedade de ordens nesta língua porque vários constituintes estão

"autorizados" a mover-se; em uma língua de ordem fixa, poucos elementos sintáticos estariam autorizados (em geral, os sintagmas adverbiais), sendo os demais fixos.

Tendem a serem fixas as funções não marcadas: sujeito da intransitiva (S) e objeto da transitiva (O), que quase sempre ocorrem antes do verbo. Quando nestas funções ocorre um \emptyset lexical, elas tornam-se fixas: são assinaladas por **i/ii** como estando sempre antes do verbo *10. O clítico **-n/-e** será empregado neste caso, constituindo uma marca de sujeito (S) ou objeto (O) de 3ª pessoa *11.

Pode-se constatar, então, que há um controle maior sobre a posição das funções em que há \emptyset lexical, quando se trata das funções S e O. Mas, independentemente da realização ou não do SN nestas funções, a posição delas tende a ser de adjacência com o verbo, provavelmente para que elas possam receber dele a atribuição de caso absolutivo.

Apresentam mobilidade de posição as funções marcadas: sujeito da transitiva (A), objeto indireto (OI), sintagmas posposicionais. A marcação permite que elas sejam identificadas, independentemente da posição que ocupem na oração; não é preciso adjacência com o verbo, pois é o marcador que atribui caso.

Isso tudo provocaria a diferença de mobilidade entre as funções marcadas e não marcadas. Na verdade, o Trumai só permite

uma flexibilidade na ordem dos constituintes oracionais porque sua marcação de caso é rigorosa, não permitindo alterações. Portanto, há um princípio que regula a ordem.

A análise dos tipos oracionais do Trumai permitiu que chegassemos à ordem básica da língua: **S O V**; ou, mais propriamente **A O V**, já que é uma língua ergativa. Pode-se chegar a esta conclusão comparando-se os tipos oracionais:

tipo 2.	S	V		
tipo 3.	S	V	OI	
tipo 4.	S	obj-V	(provável caso de incorporação)	
tipo 5.	A	O	V	
tipo 6.	A	O	V	OI

Ou seja, o sujeito da intransitiva (S) ocorre anteposto ao verbo; na transitiva, o objeto também ocorre sempre antes do verbo, com o agente ocupando em geral a primeira posição.

Além disso, a ordem SOV (ou, mais adequadamente, AOV) é a mais provável pelas próprias características da língua, que é toda posposicional. Quanto ao OI e os sintagmas posposicionais, fica difícil ainda prever a posição básica deles, principalmente porque se trata de funções adjuntas e em alguns casos o OI pode ficar bem distante do verbo. Ex:

S---V----- -----OI-----
S V OI
(265) ha xuʔtsa ʃi [kiki fa]-ii-ki feʔde-i-ki
1ª ver ? homem matar OI onça OI
"Eu vi o homem que matou a onça"

Neste exemplo, observa-se que a oração encaixada (**kiki fa feʔde-i-ki**), que é complemento da principal, recebe o marcador de objeto indireto **-ki**, e o morfema **ii** assinala que ela funciona sintaticamente como um SN. Porém, o objeto indireto da encaixada (**feʔde-i-ki** "onça") não está situado dentro dos limites da sua oração, ficando bastante distante do verbo com o qual tem ligação (**fa** "matar"). O sistema de caso permite identificar **feʔde-i-ki** como objeto indireto da oração encaixada e não como seu sujeito, o que poderia gerar outra interpretação: "Eu vi a onça que matou o homem". Esta interpretação não seria possível porque fa, sendo um verbo intransitivo estendido, exige sujeito não marcado e objeto indireto marcado; portanto, seu sujeito só pode ser kiki "homem", sendo seu objeto indireto **feʔde-i-ki**, ainda que estando distante dele.

Maiores análises serão necessárias sobre a posição do objeto indireto dentro da oração. Talvez o estudo de textos possam trazer algumas contribuições.

Quanto às funções de sujeito da intransitiva e objeto da transitiva, pode-se dizer que elas são funções obrigatórias

porque estão sempre estruturalmente presentes na oração, realizadas lexicalmente ou através do clítico pronominal de 3ª pessoa. O falante tende ainda a empregar o morfema **i/ii**, assinalando a posição prevista para estas funções quando há \emptyset lexical. É interessante observar que quando há elisão do SN que é OI ou sujeito da transitiva (A), não há o mesmo controle: não se encontrou nenhuma ocorrência de \emptyset -ii-k, para A, nem de \emptyset -ii-ki, para OI. Portanto, o status de S e O é realmente diferenciado do de A e OI.

As funções de S e O só permitem a elisão do SN que as ocupa com relação à 3ª pessoa. Quando ocorre 1ª ou 2ª pessoa, elas estão sempre preenchidas (cf. exemplo (265)), mesmo quando se trata de uma resposta a alguma questão feita, o que permitiria a elisão, pois o elemento já foi mencionado na própria pergunta.

Com os verbos intransitivos (simples e estendidos), quando há dois verbos na mesma sentença, para cada um deles há um sujeito (um SN ou o clítico **-n/-e**), a menos que um verbo esteja subordinado a outro. A seguir, exemplos do que foi dito.

- (265) kaʔneʃaj ʃi ha sa, ha wal hen
ontem ? 1ª dançar 1ª cantar então
 "Eu cantei e dancei ontem"

(142) [Ø]-ii tsula kawa-n ʃi de [Ø]-ii otl-e axak
mc.SN? deitar ir-3^a ? já mc.SN? dormir-3^a para
 "Ele já foi deitar para dormir"

(266) ha sa xup ʃak
1^a dançar saber neg
 "Eu não sei dançar"

(140) [Ø]-ii lax kawa-n
mcSN? caçar ir-3^a
 "Ele vai caçar"

(267) Jumujtsu-i ʃi api-ke kʔate-s,
Jumujtsu-mc.SN? ? pegar-nom? peixe-OI

[Ø]-ii otle-n hen ka-in [Ø]-ii ma-n
mcSN? assar-3^a então ? mcSN? comer-3^a
 "A Jumujtsu pegou peixe, assou e comeu"

Resta ainda a dizer que o fenômeno de ergatividade em Trumai é morfológico e há indícios de que talvez seja também sintático. O exemplo que apresentamos a seguir sugere isto, pois nele podemos ver que o elemento elidido (Ese) é S na primeira oração (Ese[**S**] chegou[**V**]) e O na segunda (Mãe[**A**] chamou[**V**] Ese[**O**]). Ou seja, ao se ter S e O sob identidade, pode haver elisão, sem o uso de passivização, o que pode significar que há um mesmo tratamento sintático para ambas as funções.

Porém, como dispomos ainda de poucos dados, e como ainda não verificamos se há antipassivização, preferimos ser cautelosos e

ainda não apresentar conclusões mais definitivas, apenas chamando atenção para a possibilidade do fato.

(268) Ese-i ʃi kaʔʃi ktsi-ke,
Ese-mcSN? ? vir vir do mato-nom?

tsi-(a)tle-k hen [Ø]-ii midoxos-e
pos3^a-mãe-erg então mcSN? chamar-3^a

"A Ese chegou (vindo do mato) e foi chamada por sua mãe"

NOTAS

*1. Por Ø lexical entende-se os casos em que na posição prevista para ocorrer um SN, não há um nome, demonstrativo ou pronome, mas um Ø, provavelmente porque houve uma elisão dos elementos citados. Apesar do SN não estar superficialmente presente, sua posição é de alguma forma preservada, o que se verifica pela presença de **i/ii**, morfema que nitidamente ocorre após SNs.

*2. "In many ergative languages, the absolutive NP must obligatorily be included in each sentence, but an ergative NP may be deleted (this holds for Dyirbal and for Eskimo; Woodbury 1975: 113)..." - (Dixon - 1979 - pp 75).

*3. Existe ainda um outro tipo de sistema, denominado nominativo marcado, que Dixon considera como sendo um caso de ergatividade estendida. Nesse sistema, A e S são marcados igualmente, e O fica sendo não marcado. Ou seja, o sistema trata A e S da mesma forma, mas ao contrário dos outros sistemas nominativos, são eles os elementos marcados.

*4. Na verdade, a diferença entre Sa e So envolve ainda outros fatores, como intencionalidade do agente, ação consciente, etc.

*5. Segundo Hopper e Thompson, uma ação realizada sem uma fase transicional entre o início e o término tem um efeito mais marcado em seus pacientes do que ações que são mais processuais.

*6. Nestes exemplos, o objeto é um \emptyset lexical. Como já se viu na discussão dos tipos oracionais, quando nesta função há um \emptyset , ela tem ordem fixa (sempre antes do verbo). Pode ser que em casos de objeto lexicalmente realizado, ele apresente maior mobilidade, isto é, possa ocorrer antes da partícula imperativa.

*7. Em outras línguas, esses fatores podem ser decisivos. Há línguas que podem marcar diferentemente o sujeito, de acordo com o elemento que ocupa esta função. Em geral, marca-se a 3ª p. como

ergativa, e as 1ª e 2ª pessoas como nominativas. Há línguas também que diferenciam o sujeito que age intencionalmente do que não age assim.

*8. É o caso do Kamayurá. Veja os exemplos a seguir (dados de Lucy Seki, apresentados no curso "Estrutura de uma Língua Indígena" - 1990):

a. **je katu** "Eu sou bom"
1ª bom

a-jan "Eu corro"
1ª-correr

b. **i-katu** "Ele é bom"
3ª-bom

o-jan "Ele corre"
3ª-correr

c. **i-jeʔeŋ umaʔe**
3ª-falar 'o que não é'
"O que não fala (porque é mudo)"

o-jeʔeŋ umaʔe
3ª-falar 'o que não é'
"O que não fala (porque não quer)"

Nestes exemplos, pode-se notar que uma mesma forma verbal - "falar" **jeʔeŋ** - pode receber marcadores pessoais diferentes,

conforme o sujeito pratique a ação com intenção ou não. O sistema de caso do Kamayurá é cindido, diferenciando o elemento agente (**A - Sa**) do não-agente (**O - So**); sobre isto, cf. Seki (1987).

*9. Em seu artigo (1976), Becquelin usa um conceito de ergatividade que parece não ser exatamente o que a teoria atual emprega. Becquelin chama os verbos intransitivos estendidos de transitivos, e os transitivos de ergativos, com um "complemento em -k"; ou seja, ela não considera o SN marcado por -k como o sujeito da oração, mas um complemento do verbo:

"...les verbaux de type 1 (ma) se construisent avec un complement en -s, ceux de type 2 (make) se construisent avec un complement en -tl, et ceux du type 5 (mapa) avec un complement en -k" (Bec - 1976 - pp 126)

Parece-nos que Becquelin considera ergativa a construção que tem o agente semântico marcado, em oposição à construção em que ele não recebe marca. Porém, Becquelin não está levando em conta um fator fundamental, que é a função sintática desempenhada pelo SN-agente (mesmo porque no seu ponto de vista, o agente marcado é um complemento do verbo (sic)).

10. As orações do tipo oracional 1 apresentam uma maior liberdade quanto à posição do sujeito em que ocorre \emptyset , podendo-se ter **[\emptyset] + PRED** ou **PRED + [\emptyset]**. Estas orações, no entanto, são um tipo diferenciado, pois seu predicado não é verbal.

*11. É interessante notar que o uso do clítico **-n/-e** é um pouco diferenciado entre as funções S e O: com S, ele sempre é empregado, quando há \emptyset na posição de sujeito; com O, embora a tendência seja de que ele ocorra, há exemplos em que ele não aparece (por exemplo, os dados (222-d) e (223-c)).